



A construção social da rivalidade no futebol ¹

Luiza Xavier LOURENÇO ²
Adriana BRAVIN ³

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

RESUMO

Este artigo trata da construção de uma identidade no processo civilizatório brasileiro sob um aspecto institucional: o futebol. Esse esporte, que se revelou um fenômeno social, teve agregado à sua história no Brasil elementos de manifestações cultural e ideológica, sendo a rivalidade o principal aspecto abordado, a partir do filme *O casamento de Romeu e Julieta*, de direção de Bruno Barreto.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; esporte, construção social; rivalidade; mídia.

Introdução

“Por que o futebol é tão apaixonante? (...) Por ser, dos esportes, o mais sujeito e aberto à interpretação. O juiz nunca vê tudo, ninguém nunca vê tudo, e todos tem a pretensão de ver tudo. E o futebol não tem lógica, tem lógicas, inclusive a do acaso e do paradoxo.”

José Miguel Winisk⁴

As primeiras décadas do século XX representaram para o Brasil um desenvolvimento urbanístico, tendo como ícones as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Segundo Luiz Henrique de Toledo, os sentimentos advindos do esporte, como a dinâmica, agilidade e coletividade, representavam o espírito de progresso que pairava naquela época e se tornava material com a construção de centros esportivos e quadras. (1996. p.16) Contudo, Gilberto Agostino, ressalta que a adesão ao esporte inglês, surgido em meados do século XIX, não foi de unanimidade e rapidez tal qual se prega.

Havia correntes contrárias ao *football*, em tentativa de nacionalização e aversão

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduanda do curso de Comunicação Social-Jornalismo pela Universidade Federal de Ouro Preto, E-mail: luiza.xl@hotmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social-Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: adriana.bravin@gmail.com.

⁴ Caderno Aliás, O Estado de São Paulo, 28 de outubro 2005



ao estrangeiro, revelando já os aspectos de identificação territorial da sociedade brasileira. Gilberto Agostino destaca a existência de manifestações anarco-sindicalistas que acontecia na imprensa, tendo a frente os escritores Lima Barreto e Coelho Neto, organizadores da Liga Contra o Futebol(2002). Porém, como o próprio autor afirma, a partir da segunda década do século XX, marcado principalmente pelo ano de 1914 e a Primeira Guerra Mundial, as discussões em torno dos esportes de massa ganhavam mais força, uma vez que os sentimentos e a disciplina desenvolvidos pelos jogos eram aspectos valorizados na época. O debate chegou à imprensa e a função do futebol estava definida: despertar o sentimento nacionalista adormecido. (2002. p.33)

O futebol, então, se mistura com os conceitos de uma sociedade que buscava sua identidade e seu progresso. A história desse esporte no Brasil foi desenvolvida em um discurso que se acoplou ao consenso e foi reiterado por diversos autores. Primeiramente, teria surgido como prática segregadora e elitista de descendência inglesa, depois se trata da sua popularização e as lutas de resistência e, por último, da ascensão do negro e o caráter democratizador desse esporte.

Ronaldo Helal, Antônio Jorge Gonçalves Soares e Rodolfo Luvisolo desconstruem o mito do Brasil como país do futebol a partir do livro *O negro no futebol brasileiro* de Mário Rodrigues Filho, cuja a primeira edição foi publicada em 1947 e acrescida de dois capítulos em 1964. Os autores reconhecem a diferenciação que traz a questão não só racial como a sócio-econômica presentes no país até os dias de hoje, mas demonstram que a inserção do futebol em caráter identitário auxiliou na construção de um discurso de formação da sociedade brasileira. Estava inventada a tradição futebolística democrática e mestiça brasileira. Sobre essa tradição, Ronaldo Helal diz que

“É necessário destacar que não se está afirmando que não existia ou não existe preconceito racial na sociedade brasileira e no futebol. Seria absurdo pensar que não há preconceito racial numa sociedade que pouco tempo atrás mantinha a instituição da escravidão. Não é isso o que se discute. O que está em discussão é uma construção mágica que se apóia nessa ‘verdade de bom senso’ para realizar a invenção da tradição do futebol sem distinguir e sem apresentar dados empíricos que justifiquem essas genéricas afirmações.”(HELAL. 2007. p. 37)

De acordo com Renato Ortiz, a identidade cultural provém de uma memória coletiva, na qual os sujeitos relacionados a ela projetam suas vivências, se revela em



âmbito particular e tem suas manifestações através de ritos, já que “só pode existir enquanto vivência, isto é, enquanto prática que se manifesta no cotidiano da pessoa” (2006. p.133). A propagação dessa memória coletiva resulta na identidade nacional, que segundo o autor, é gerada numa tentativa de transcrição do que antes era a identidade cultural para o âmbito nacional, representando uma tentativa de inferir em uma fronteira uma unidade cultural, caracterizando-se em uma junção das práticas do povo com a terra, o território. Assim, o futebol firmou-se como representante cultural da nação, como se simplesmente já nascesse no sangue de qualquer brasileiro.

Um clube, um rival

Luiz Henrique de Toledo afirma que “no Brasil, sabe-se que existem grupos *fiéis* de torcedores desde os anos 40” (TOLEDO.1996. p.21, ênfase no original). Os torcedores *fiéis* compõem um grupo que, acima de tudo, se une pela identificação com os clubes para o qual torcem. O Brasil, que a partir da década de 50, já se identificava como o país da bola, vê também o imaginário popular construindo um símbolo, ou melhor, um torcedor-símbolo, como chama Toledo. (1996. p.22) A fundação dos clubes e o surgimento dos torcedores que deveriam ser seguidos como exemplo formam as torcidas e uma intensa relação entre os dois, torcedor e clube. Tal qual afirma Sílvio Ricardo da Silva, o ato de torcer provém de questões que perpassam desde o contexto-histórico-social até aspectos pessoais, ao mesmo tempo em que provoca marcas e faz história (2005. In DAOLIO).

Zygmunt Bauman ressalta a importância de pertencimento a uma comunidade como garantia de segurança e proteção que seus integrantes projetam. Contudo, essa relação demonstra seus nuances quando o sujeito pertencente ao grupo se vê colocado no dual entre um tipo de compartilhamento natural no qual abdica certas vontades e sua necessidade de se destacar, de ser singular (1925). Ricardo Silva dialoga com a proposição de Bauman afirmando que

“(…) não existe homogeneidade no torcer, visto que o sofrer, o comemorar, a alegria ou a tristeza são construídos de forma diferente em cada e por cada sujeito torcedor e, portanto, geram sentidos diversos em cada um. No torcer, como na vida- porque torcer é também uma dimensão da vida-, constroem-se caminhos diferentes de identidade.” (SILVA in DAOLIO, 2005. p. 24)

Dessa forma, o futebol se torna uma projeção dos sentimentos do torcedor enquanto sujeito e enquanto comunidade. O embate entre os pólos individual e coletivo é o tema central do objeto de pesquisa aqui referenciado, o filme *O casamento de Romeu e Julieta*, com direção de Bruno Barreto e produzido em 2004, na cidade de São Paulo. No longa, Julieta e Romeu, respectivamente torcedores-símbolos dos rivais Sociedade Esportiva Palmeiras e Sport Club Corinthians Paulista (doravante denominados Palmeiras e Corinthians), se encontram em um conflito gerado pelas necessidades de se firmarem nos seus grupos enquanto torcedores e suas necessidades individuais, enquanto um apaixonado pelo outro.

Julieta, interpretada pela atriz brasileira Luana Piovanni, provém de uma família tradicionalmente palmeirense, na qual desde cedo teve os laços das tradições do torcer inseridos em seu cotidiano. Da mesma forma, a vida de Romeu, personagem interpretado por Marco Ricca encontra em sua tradição familiar o ato de torcer pelo Corinthians como um ato natural. A problemática do longa-metragem adaptado do conto de Mário Prata⁵, *Palmeiras: um caso de amor*, perpassa pela questão abordada no original *Romeu e Julieta*, de Shakespeare⁶: a rivalidade, com a ressalva de que a rivalidade tratada naquele é a rivalidade futebolística, juntando-se a ela o fato de que Romeu tem que abdicar de suas funções que desempenha no seu grupo para se submeter a trocar de time a fim de ser reconhecido na família de Julieta .

No futebol brasileiro, a rivalidade entre as torcidas é advinda da rivalidade existente entre os clubes. As torcidas acabam por tomar posse dos nuances gerados nas próprias origens de clubes e agremiações. Torna-se necessário, então, uma breve contextualização do surgimento das torcidas organizadas dos clubes supracitados, sobre as quais Luiz Henrique de Toledo diz que

“São controvertidas as origens destas agremiações, salvo a função óbvia de torcer pelos clubes de preferência. O Grêmio Gaviões da Fiel surgiu no ano de 1969,(...), seguida pela Camisa 12, em 1971, também do Sport Club Corinthians. (...). Das grandes Torcidas Organizadas que hoje atuam no futebol paulista, a mais recente é a Mancha Verde, dos torcedores da Sociedade Esportiva Palmeiras, fundada posteriormente no ano de 1983.” (TOLEDO, 1996. p.27)

⁵ PRATA, Mário. *Palmeiras: um caso de amor*. Rio de Janeiro. Ediouro, 2005.

⁶ SHAKESPEARE, William. *Romeo and Juliet*. Cambridge University Press, 2000.



Esse sentimento de pertencimento clubístico é tratado por Arlei Damo como o sentimento de lealdade, no qual todos os outros clubes, uns mais e outros menos, são considerados adversários daquele pelo qual se escolheu torcer (2002). A relação se torna uma grande representação daquilo que o sujeito considera lealdade, cujo o maior ato contraditório e desonroso seria passar a torcer por outro clube. Segundo o próprio autor, o sentimento de pertencimento cria comunidades do campo imaginado nos quais os valores de pertencimento e identificação são valorizados. Dessa maneira, tratando especificamente da rivalidade entre Palmeiras e Corinthians apresentada no filme, o fato do personagem corintiano Romeu começar a torcer para outro clube, mesmo que por fingimento, significa a desonra para sua família. Essa afirmação pode ser verificada na fala da personagem Nenzica, interpretada por Berta Zimmel quando diz que seu marido já a tinha traído com quinze mulheres e ela havia perdoado, porém, quando este trocou de time pela décima sexta, ela deu fim ao seu casamento (2004. 44'00'').

O futebol, segundo Roberto DaMatta reflete certa organização e valores da sociedade (1994), que especificamente neste artigo, tem-se a rivalidade como um exemplo de colocação dos sentimentos dos torcedores e o desempenho de suas funções enquanto apoiadores do clube para além dos estádios. Arlei Damo afirma que

“o futebol é um ritual performático que, assim como os demais esportes, põem em ação diferentes atores sociais e pode ser interpretado desde o ponto de vista dos atletas, torcedores, mídias, cartolas, etc. Como é um fato de grande apelo popular, informa os gostos e os interesses de seu público, os parâmetros éticos e estéticos que orientam o comportamento individual e coletivo dos aficionados.”
(DAMO, 2001. vol.15, n°3)

Essa afirmativa dialoga diretamente com a narrativa do filme na qual e verifica que, a medida que Romeu tem que provar à família de Julieta que é um exímio torcedor palmeirense, ele se torna um sujeito mais depressivo, já que abdica de suas próprias vontades e da aliança que seria inquebrável com o seu time. E, para conseguir se inserir no grupo familiar de sua namorada, Romeu deve ter os símbolos do time como que se fossem naturais, sendo estes o hino do Palmeiras, a carteira de sócio do clube, camisa com escudo, conhecer a história do time, enfim, objetos que geram uma política de representação da qual torcedores de uma mesma agremiação compartilham.



A comparativa entre a instituição torcida e a instituição família aparece no filme como que idênticas. Afinal, como ressalta Bauman, comunidade remete aquilo que acolhe e ajuda na superação, aquilo que apoia (2003). Contudo, a comunidade torcedora exige a fidelidade por completo de seus integrantes, e é nesse momento da falta de fidelidade que a torcida se vira contra Romeu. Da mesma forma, o pai de Julieta, interpretado por Luís Gustavo, renega-a quando descobre que seu genro era na verdade corintiano. Representando a segurança que o conceito de comunidade traz e sua capacidade de apoio e recolhimento, as famílias aceitam seus respectivos membros de volta e encontram uma maneira de lidar com as diferenças.

Outro aspecto abordado em *O casamento de Romeu e Julieta* acerca da rivalidade é a disposição das torcidas em dois polos. Nas cenas iniciais que mostram uma partida entre Palmeiras e Corinthians, aparece também a construção da personagem Julieta e sua relação com o Palmeiras e como ela está intrinsecamente ligada à sua relação com seu pai. Depois, com o conflito entre os clubes paulistas, Julieta aparece na torcida palmeirense contrapondo cenas de Romeu na corintiana. A cena que representa o final da partida com os torcedores deixando o estádio deixa claro essa disposição dos clubes em dois lados distintos. As torcidas se provocam e trocam gozações. O diretor Bruno Barreto, em uma entrevista que faz parte do *making off* do filme, revela que os personagens que compunham as torcidas eram integrantes das próprias torcidas organizadas dos clubes, a Mancha Verde e a Gaviões da Fiel. Segundo o diretor, as cenas foram interrompidas porque houve conflito direto entre os torcedores, que continuaram uma briga *real* mesmo depois de interrompida a encenação. (BARRETO,2004)

Essa disputa entre as torcidas faz parte do imaginário popular que se cria em torno do futebol e do qual o filme toma posse para construir sua narrativa. O futebol se mostra como um reflexo da organização social, além de ter sobre ele depositado os sentimentos projetados da sociedade. Além disso, as dificuldades pelas quais passam os personagens Romeu e Julieta seguem paralelas às dificuldades pelas quais seus clubes passam. Quando o Palmeiras tem uma vitória de quatro gols contra um do Corinthians em 1999⁷, Romeu está na torcida palmeirense e seu mal-estar é aparente quando ele tem que se esconder e conter seu desânimo com o resultado da partida. (2004, 32'00'') José Miguel Winisk coloca a rivalidade entre os clubes e a influência na violência e nos integrantes de uma torcida como uma fratura que

7 O conflito aparece no filme e se encontra registrado no site oficial do clube www.palmeiras.com.br



“envolve o esgarçamento de símbolos de reconhecimento familiar, de inclusão escolar, de perspectivas de emprego, de ascensão, de gratificação social etc. Mas, mais que isso, põe em jogo aquele valor de difícil determinação que dá um sentido mediado para existência, e que supõe as identificações socialmente construídas. (...) Nele se joga um outro jogo surdo em que está cifrado, sem ser representado, o destino da vida social.” (WINISK. 2008, p.55)

Assim, o futebol não se revela um completo espelho da sociedade, mas carrega algo de sua formação e, principalmente no caso da civilização no Brasil, traz elementos identitários que dialogam diretamente com a imagem que se quer fomentar de um cidadão brasileiro. Assim, tal qual diz Winisk, o futebol só ganha essa força porque briga e abriga, carregando o conflito essencial da civilização (2008).

Considerações finais

O casamento de Romeu e Julieta aborda traços da constituição de torcida e do pertencimento clubístico em conflito com os desejos individuais de cada um dos personagens. Sendo assim, o filme se firma tal qual o futebol na sociedade, como uma projeção de símbolos e valores em que há uma intensa relação entre jogadores, torcedores, campo, partida e bola. Nessa relação, a lealdade é a principal característica que reforça a rivalidade.

Bauman diz que a identidade interpela cada sujeito e que vai além da representação de comunidade (2003). Esse mesmo indivíduo diferenciado através de sua identidade que seria única busca o conforto de um grupo através do reconhecimento. Assim, os personagens do filme procuram lidar com suas questões pessoais e suas vontades, de maneira que continuem pertencendo ao grupo de torcedores dos quais faziam parte e o grupo familiar que insiste e manter uma caráter estático nas tradições.

O futebol então, se coloca mais uma vez como receptor das projeções sentimentais dos personagens do filme. Ao final, todos revelam características próprias que tem algum tipo de relação ao futebol, como na cena em que a mãe de Julieta que diz nunca ter gostado do esporte, mas que acompanhava os jogos a fim de agradecer ao marido (2004, 01°16'00''). Os personagens então, libertos do que antes apenas o prendiam nos grupos, entendem sua paixão pelos times e aceitam suas características individuais. Sobre a paixão ao clube, Toledo diz que



“escolhido o time do coração, pro influências familiares, amigos, ou escolha individual, raramente o torcedor vira-casaca, ou seja, muda de preferência por outro time. Como a identificação do RG, mas muito mais que um número determinado de maneira aleatória, o time acompanhará os torcedores por toda a vida.” (TOLEDO. 1996.P.152)

A rivalidade se coloca, então, como estruturadora de grupos, que constituem a torcida do Palmeiras e Corinthians, e como problematizadora de conflitos pessoais dos personagens. Essa rivalidade é superada, e não deixa de existir, quando os personagens encontram uma maneira de conviver sem se abdicar de suas vontades individuais e, principalmente, sem trocar de time.

REFERÊNCIAS

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer**: futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002.

BARRETO, Bruno. **O casamento de Romeu e Julieta** (filme). São Paulo: Buena Vista International, 2004. 94 min.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e estética**. São Paulo em Perspectiva. vol.15 no.3 São Paulo Julho/Set. 2001

_____. **Futebol e identidade social**: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

DAMATTA, Roberto. **Antropologia do Óbvio**: notas em torno do Significado do Futebol Brasileiro. **Revista USP, Dossiê Futebol, nº 22**, São Paulo, 1994.

DAOLIO, Jocimar. **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2005



HELAL, Antônio. **A invenção do país do futebol:** mídia, raça e idolatria./ Ronaldo Helal, Antonio Jorge Soares, Hugo Lovisolo. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

RINALDI, Wilson. **Futebol:** manifestação cultural e ideologização. Revista da Educação Física/UEM Maringá, v. 11, n. 1, p. 167-172, 2000

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol.** Campinas, SP. Autores Associados: Anpocs, 1996.

WINISK, José Miguel. **Veneno remédio:** o futebol e o Brasil, São Paulo: Companhia das Letras, 2008